

AÇÃO DIRETA

Diretor: JOSÉ OITICICA

MENSARIO ANARQUISTA

Administrador: MANUEL PERES

Redação: AV. TREZE DE MAIO, 23-9.º ANDAR — SALA 922

ANO VIII — N.º 102

Rio de Janeiro, Outubro de 1955

PREÇO: Cr\$ 2,00

CAIXA POSTAL 4.588

Tôda e qualquer correspondência de Redação e Administração deve ser enviada para a nossa Caixa Postal.

E ÊLES PASSARAM CRISTO PARA TRÁS SOB O TERROR FRANQUISTA

Por CRISTOBAL GARCIA

(especial para AÇÃO DIRETA)

O atual ditador e caudilho de Espanha, Francisco Franco Bahamonde, no ano 1936, se sublevar e apoderou do poder, amparado nas potências do eixo Berlim-Roma. Desde então, sofre a Península Ibérica um regime depravado e totalitário, em que a liberdade de expressão, associação e reunião é crime, isso contra os direitos mais elementares da pessoa humana, aprovados na recente Declaração dos Direitos do Homem, no palácio Chaillot, em Paris, aos 10 de novembro de 1948. O que de modo nenhum se explica é que os países que tanto sofreram durante a ocupação alemã, achem natural que, em pleno século XX, era da chamada civilização humana, seja a Espanha vezada, torturada, empobrecida por um regime degenerado, máxime considerando-se que os partidários do despotismo por eles exercido aproveitem tão vilão comportamento político-religioso, admitindo, com tôdas as honras, a Franco na U. N. E. S. C. O.

Na Espanha negra dos religiosos cavaleiros cruzados, não se permite o afã de saber; não rege, senão impera de fato, a prescrição da funesta mania persecutória do pensamento escrita por aquele rei Felipe V, sobre pedra, na Universidade Central.

As escolas, institutos e universidades, como todo centro docente, são dirigidos por padres e frades. Os livros, poucos, que se publicam passam pelo crivo do Santo Ofício e as publicações, pela censura eclesiástica e falangista. Não se permite impresso algum que não preste acatamento ao regime, estando igualmente reservado o uso da palavra falada aos eunucos do regime. O apreçamento de um periódico clandestino, ou de alguém que livremente se expresse em plena rua, é tido por crime contra o Estado, sujeito pois a castigo legal.

Só na cidade condal, proibiu Franco os 23 diários e as 1412 revistas e periódicos que se editavam em idioma catalão, sendo confiscados sem indenização, os bens das empresas e organizações editoras da dita imprensa. Os periódicos atualmente impressos em língua espanhola devem acatar, de modo absoluto, a orientação totalitária do Estado Azul, submetendo-se às múltiplas censuras: religiosa, militar e política, e a rigorosa regragem dos organismos de imprensa do regime.

Os organismos sindicais obreiros de Espanha: C. N. T. (Confederação Nacional do Trabalho) e U. G. T. (União Geral dos Trabalhadores) respectivamente, os únicos existentes sob o regime republicano espanhol e de maior potência, foram postos fora da lei por decreto antijurídico franquista de 21 de abril de 1938, que proibiu os sindicatos não pertencentes à C. N. S. (Central Nacional Sindicalista), de tendência franquista. Por lei datada em Burgos pelo general Franco aos 23 de setembro de 1939 e publicada no B. O. aos 12 de outubro do mesmo ano, apropriou-se o caudilho de tôdas as organizações sindicais e políticas, passando todos os seus bens e gestões à Falange Española Tradicionalista e às Ions, e mais a imprensa de Solidaridad Obrera, propriedade da C. N. T., hoje Solidaridad Nacional, órgão dos sindicatos verticais da Falange.

Nessas condições, forçosamente, os lutadores da Resistência interior, usando da vigente Declaração Internacional dos Direitos do Homem, se vêem obrigados a publicar seus periódicos clandestinamente. Assim, com o auxílio econômico de todos os países, aparecem e reaparecem periódicos e revistas, folhetos e folhas volantes em defesa da dignidade humana e da liberdade. Nessa imprensa clandestina, figura a imprensa obreira da C. N. T., defensora da liberdade sindical e dos direitos do homem.

Como consequência de tudo isso, em Barcelona, foram presos pela polícia oito companheiros, entre eles duas mulheres, tôdas de filiação sindical libertária, e não comunista, redatores e distribuidores dos periódicos clandestinos Solidaridad Obrera e C. N. T.

Por enquanto, os Cruzados do regime ainda não fuzilaram os oito criminosos da pena, a esses oito cultuadores da liberdade de pensamento; mas, continuam detidos, torturados e maltratados contra os mais sagrados direitos.

Que diz o Instituto Internacional dos Direitos do Homem?
Para tudo isso foi Franco admitido na U. N. E. S. C. O.?
E que dizem as Associações Nacionais de Imprensa de Europa e América?
Envergonha e indigna ver tanta covardia nos homens. Nem um grito de incomformidade ante esse novo crime e torpeza.

Serviços Municipalizados

F. EFREIRA DA SILVA

O movimento municipalista no Brasil é um fato que não pode deixar de interessar-nos, como disse em artigo anterior ao comentar seus aspectos anti-estatais. Despertou-me há tempos o seu programa, e hoje temos não poucos políticos agitando esse novo meio de captar as simpatias da gente do interior, gente desprovida de amparo, em obras de fomento necessárias ao desenvolvimento das regiões afastadas, longe dos centros onde o dinheiro é mais fácil e o progresso mais sensível. Mas é preciso acentuar que, embora possa levar a uma descentralização que enfraqueça o Estado, não é esse o intuito dos seus adeptos políticos nem chegará a destruí-lo, pois força é prever a reação por diversos meios cuja existência não desconhecemos.

Interessa-nos o municipalismo em tese, como demonstração da tendência para a liberdade dos núcleos sociais. Porque na fórmula municipalista está grande parte da essência federativa, e nos municípios poderiam adotar-se as práticas da economia libertária, sendo livres dentro deles os indivíduos tal como eles seriam livres dentro da nação.

Mas há outro fato que assinalar, nos tempos atuais, em países cujo regime está sob o domínio dos interesses capitalistas. A municipalização de serviços não é novidade. Desde tempos não poucos distantes se conhece esse sistema nas grandes cidades. A municipalidade executa uma espécie de "encampação", como agora se usa muito dizer no Brasil, e passa a explorar por sua conta serviços de interesse público. Luz e gás, transportes coletivos, são exemplos facilmente encontrados em muitas cidades da Europa e da América.

Passar porém desses serviços a outros setores de atividade, às indústrias de

tradicional iniciativa privada, já é um passo mais ousado e já toma certos rumos de socialização. Acabo de ler extenso artigo sobre essa matéria, na revista italiana "Informazioni Politiche e Sociali". Ali se dá notícia de um congresso realizado em Roma, com milhares de delegados, encontrando-se entre eles prefeitos ou representantes da administração de cerca de 500 municípios italianos.

Não deixa de ser curioso assinalar o vulto da municipalização naquele país, em serviços de utilidade pública. Por exemplo: no setor da eletricidade representa 10% da produção total e 12% da distribuição e, nos transportes, 95% do total. Os economistas consideram que esse sistema tem função estabilizadora na economia geral e as estatísticas italianas dizem que a municipalização se estende de norte a sul como causa e efeito, ao mesmo tempo, do progresso econômico e civil, e provoca sempre uma melhoria no nível de vida das populações.

Entretanto, uma das preocupações maiores daquele congresso foi a situação dos serviços municipalizados em face da lei; e a lei que os regula já vem de 1925, sendo porém simples modificação da que Giolitti fizera em 1903. É natural que se imponham novas formas na atualidade, e por isso a revista citada comenta o projeto de um congressista, destinado a assegurar meios de desenvolvimento financeiro e patrimonial aos serviços municipalizados, tendo em vista também os problemas da personalidade ou capacidade jurídica, da administração e da situação dos empregados.

Demonstrou-se no congresso que o fascismo, aliado aos grupos industriais e aos interesses privados, foi inimigo da municipalização, a qual encontra

(Continua na 4.ª página)



Por SERAPHIM PORTO

(Clichê de LIFE em espanhol, de 29/8/1955)

AS DUAS CARAS DO CLERO

Cristo atrás, eles à frente, os mediadores entre Deus e os homens! Significativa estampa! Para São Paulo, somente havia um mediador. E o que se lê no chamado livro sagrado — Bíblia, na primeira epístola de São Pedro a Timóteo, capítulo 2: "5 Porque só há um Deus, e só há um mediador entre Deus e os homens que é Jesus Cristo homem". Ora, como se arrojam, pois, dentro dos princípios cristãos, em mediadores entre Deus e os homens? Embusteiros! Sacerdotes no mesmo sentido?! Também não o são; porque sacerdotes dentro dos mesmos princípios eram todos os crentes, e não uma classe e, muito menos, privilegiada, assim como igreja era o conjunto dos crentes. Outra cousa não está no chamado livro sagrado, no Apocalipse de São João, capítulo 1, com destino às sete igrejas da Ásia: — "6 E nos fez sermos o reino e os sacerdotas para Deus e seu Pai". Encontra-se este conceito em vários passos da Bíblia.

Sacerdotes, à maneira antiga? Isto sim! Porque são os traidores do cristianismo como os sacerdotes antigos o foram de Cristo! Lá diz São Marcos no cap. 14: — "Faltavam pois dois dias para chegar a páscoa, em que se começavam a comer os pães asmos; e os príncipes dos sacerdotes e os escribas andavam buscando modo como prenderiam por tração a Jesus para o matarem". São a reencarnação destes sacerdotes, por inspiração do oportunista Constantino, demagogo (como hoje se diz) e traidor, que, aderindo ao movimento e oficializando-o, o deturpou, como deturpado foi, em nossos dias, na Rússia, o movimento de 1917 por Lênin e os seus companheiros.

Como o seu chefe é o Papa e o dos antigos era Caifaz, aquele é a reencarnação deste. E se o de hoje tanto injúria ao outro, é para melhor embair, para que não descubram nele a alma hedionda daquele!

Significativa estampa! Além de mostrar que passaram Cristo para trás, mostra-nos, ainda, as duas caras do clero! Uma gorduchona, de aspecto bonacheirão, simpática, hipócrita, para uso externo, que atrai facilmente as almas inocentes para amoldá-las ao jeito dos fantasmas do Vaticano; outra real, enfezada, de dentes arreganhados, para uso interno, que inocula a mentira, que esconde e nega a verdade, que intriga, que calunia, que conspira, que estimula a guerra, ora bendizendo-a, ora até custeando-a, que se vinga, que segreda ao ouvido do moribundo, histórias do inferno, para, aterrorizando-o, apanhar-lhe as riquezas, que tortura criaturas enfraquecidas pela idade com o torpe propósito de fazê-las renegar de valente e brilhante passado, afim de desmoralizá-las, para dar por falsas as suas convicções, que prega o que não faz, que faz o que não deve, para maior poder do Vaticano.

A primeira lembra o cardeal Spellman, arcebispo de Nova-Iorque e Vigário Militar dos Estados Unidos, tão bom e tão puro e tão santo, que foi condecorado, em 1947, pelo Ministro da Guerra, Peterson, por serviços de guerra, e, em 1952, pela Bélgica, em razão dos mesmos santos serviços! Boa maneira de pôr em prática, as palavras de Cristo: — "Amarás o teu próximo como a ti mesmo".

Dêste jeito, nem os apaches de Paris, nem os malandros do Rio-de-Janeiro!

A segunda cara recorda... se bem me não engano... a de D. Helder Câmara, agraciado, há pouco, por quem?!... Ora, por quem havia de ser?! Pelo monstro do meio-dia, de máscara não menos horrível, o "fidelíssimo" e "cristianíssimo" general Franco! Que dupla! Com Spellman, que trinca! Cristo, já se vê, está fora disto, mesmo porque foi passado p'ra trás!

Leitores incautos! acautelem-se! Não se esqueçam da imagem das duas caras e ponham-se em guarda! Cristo é a miragem; a realidade é a opressão pelo embrutecimento!

CARDEAL OU POLITIQUEIRO?

D. Jaime que, como cardeal, é um politiqueiro vulgar e como politiqueiro é um bom cardeal, declarou, em palestra radiofônica que "cada qual prestará contas a Deus do voto que depositou nas urnas".

Se Deus, de fato, existisse, que recompensa daria a este vigário que abandona o pastoreio do seu rebanho e se dedica, abertamente, à propaganda política, xingando os governantes como qualquer deputado ou senador de oposição?

Para o Inferno podemos garantir que o cardeal não iria, porque não tem credenciais que lhe abram nem as portas do Inferno.

Como se entendem!

Os governantes da "Pátria do Proletariado" de mãos dadas com os inimigos dos trabalhadores

A Rússia, que os comunistas burocratas de todos os países não se cansam de proclamar a "Pátria do Proletariado" está demonstrando não passar de uma nação como outra qualquer, tanto no seu sistema de governo, como nas atitudes dos seus governantes.

Troca de visitantes com recepções amabilíssimas, com permuta de fotografias, espetáculos de gala e o envio de presentes como se fossem namorados em vésperas de casamentos, verificam-se ultimamente.

O presidente "Eisenhower recebeu do marechal Zukov uma fotografia colorida do marechal e de sua família, acompanhada de uma nota pela qual o marechal dirige ao presidente seus agradecimentos pelo presente enviado por Eisenhower no ensejo do casamento da senhorita Zukov.

A fotografia representa, além do marechal, sua esposa, suas duas filhas, de uns 20 anos, seu genro e sua neta. A fotografia tem a data de agosto de 1955, e está montada em uma moldura de 30x40 cms.

Anunciando o recebimento da fotografia do marechal Zukov, o secretário de imprensa da Casa Branca, sr. James Hagerly, acentuou que a fotografia e a nota do marechal soviético forneciam um "sólido desmentido" aos rumores segundo os quais o chefe militar soviético não tinha filha.

O sr. Hagerly acrescentou que o presidente Eisenhower não tinha responsabilidade pessoalmente, à nota do marechal Zukov, mas pedira ao embaixador dos Estados Unidos em Moscou que lhe transmitisse seus agradecimentos.

Enquanto os comunistas de todos os países vivem sofrendo violências e perseguições dos agentes da autoridade, os governantes da Pátria do Proletariado não se envergonham de oferecer presentes, recepções e banquetes aos governos que mais se distinguem na luta contra as reivindicações do proletariado.

Nosso fim:

IGUALDADE E LIBERDADE (comunismo e anarquismo)

Nosso método:

AÇÃO DIRETA (nada por meio de governos)

OS GRÁFICOS ESTÃO SENTINDO O PÊSO DA CANGA MINISTERIAL

Em suas edições de agosto e setembro últimos, a "VOZ DO GRÁFICO" da Capital, publicou o seguinte: "Temo-nos sempre batido pela liberdade e autonomia sindicais. Somos contrários a quaisquer interferências nos órgãos associativos, por entendermos ferir a Constituição tais intrusões, mesmo quando elas partem do Poder Público, como no caso da eleição aos cargos diretivos das organizações classistas. A cassação de mandatos, a aprovação de eleições pelo Ministério do Trabalho, com a eliminação de candidatos escolhidos pelas classes, constitui, a nosso ver, um atentado ao direito de votar e ser votado assegurado pelos estatutos e, sobretudo, uma interferência perigosa, que tem dado margem, muitas vezes, a que se transforme aquele órgão do Poder Público em instrumento de elementos fracassados, desejosos de assumir posições ou exercitar vinditas contra companheiros que lhes fazem sombra no cenário da política sindical.

Ademais, ainda estabelece entre o Ministério e o proletariado uma atmosfera de desconfiança, refletindo-se em um mal estar facilmente removível se, ao invés de ostensiva intervenção processada, o Governo se limitar a fiscalizar a ação dos dirigentes sindicais, durante o seu mandato, naquilo que a lei e a Constituição condenam.

Não é com atitudes como as que têm sido tomadas, contra várias diretorias sindicais, que se conseguirá evitar o desespero dos trabalhadores, nesta quadra difícil de nossa vida. Com os sem-diretores eleitos e afastados, os Sindicatos continuarão a lutar inflexivelmente, pois não é possível a qualquer dirigente manter-se em atitude contemplativa, diante das dificuldades criadas diariamente à vida dos trabalhadores e de suas famílias, pelo descaso dos governantes em resolver os problemas que afetam a população brasileira.

Se pensam as autoridades que, com o simples afastamento de alguns trabalhadores eleitos para figurar na direção de seus Sindicatos, conseguirão neutralizar a vontade de lutar da grande maioria de seus integrantes, laboram num grave erro.

O cerceamento da liberdade sindical serve somente para cavar sulcos profundos entre os trabalhadores e aqueles que o promovem, estimulando-os a lutar sempre, e cada vez mais, para conseguir aquilo que será para si a maior conquista, pois sem o poder de auto-determinação jamais teremos organismos de classe com capacidade para representar oficialmente as categorias integrantes."

"Há uma forte tendência à eliminação quase completa das liberdades sindicais. Não é de hoje que ela se processa. As maquinações vêm de longe e trazem no bôjo interesses condenáveis.

Cria-se, dia a dia, um doloroso dile-

ma: ou reagimos ou sucumbiremos. Não é possível a nenhum trabalhador ficar indiferente aos golpes articulados, a fim de preservar o desejo patronal, em detrimento dos direitos do proletariado.

A recente mensagem presidencial ao Congresso Nacional traz no seu texto coisas inconcebíveis. Pretende o Sr. Presidente da República seja modificada a lei no artigo que regula a suscitação dos dissídios coletivos e as eleições sindicais. Mas não o faz de maneira que seria justa, isto é, facilitando aos órgãos de classe o processamento dos mesmos. Não. Cria óbices quase intransponíveis, dando a clara impressão de agir em obediência, pura e simples, às determinações das classes conservadoras, que, infelizmente, tudo podem nesta terra de Santa Cruz.

Porque o Governo, que tão sófrego se mostra em impedir os pedidos de reajustamento salarial, criando-lhes dificuldades como as que pretende em sua mensagem, não age com o mesmo interesse para julgar o aumento astronômico do custo de vida, evitando, assim, lancemos mão do recurso legal dos dissídios coletivos?

Porque, ao invés de criar dificuldades às classes proletárias, não leva o seu zelo ao sofrimento do insaciável apetite do poder econômico, que não se satisfaz com um lucro razoável nos seus negócios, lançando as nossas populações à fome e à miséria?

Sabemos, perfeitamente, que é mais fácil investir contra os mais fracos. Dai as medidas ora solicitadas ao Parlamento, numa hora dolorosa da vida nacional, quando mal se ganha para comer. Procura-se evitar pecamos mais pã, para que industriais e comerciantes compreem mais "Cadilacs", bebam mais "whisky", frequentem "boites", gozem a vida regaladamente.

O Congresso, porém, estamos certos, não quererá assumir a triste responsabilidade de legislar contra o povo, já que a este representa. O dispositivo legal pleiteado só tem um fim: manter as classes trabalhadoras com uma exigência proibitiva, levando-a ao desespero e à revolta."

Tem carradas de razão o autor das notas que acabamos de transcrever. A eliminação das liberdades sindicais não é de hoje que se processa. Ela se vem processando desde os primórdios da criação do Ministério do Trabalho e os trabalhadores só serão donos dos seus sindicatos quando conseguirem livrar-se completamente da tutela governamental a cuja sombra crescem e se nutrem, abundantemente, os componentes das comissões de recreação operária, de orientação sindical, de "distribuição" do imposto sindical, de propaganda eleitoral, de... muitas outras comissões criadas, exclusivamente, para digerir as polpudas quantias que são arrecadadas compulsoriamente e desviadas para fins diversos que em nada beneficiam os trabalhadores.

CARTA DA BÉLGICA

No povoado de Marneffe (Bélgica), construíram um cárcere-escola, extra-moderno, sem grades, com jardins, células que parecem quartos de luxo, com rádio, calefação, água, eletricidade, etc.

Como a maioria dos delinquentes pertence à classe chamada burguesa: nobres, generais, magistrados, notários, chefes de polícia e educadores, acusados uns de vigarismo, outros de concussão, traição, roubos, quebras fraudulentas, podemos supor que os cárceres de luxo servirão para esses grandes senhores, demasiado honrados, que não podem ir com os desgraçados, autores de delitos consequentes à sua miséria, para um calabouço infecto como sempre tem sucedido em todos os regimes, capitalistas ou socialistas.

Agora, os bandidos com títulos terão um castelo em vez de cárcere e, quando saírem, poderão redimir-se com os companheiros de classe.

Em 1830, o sr. Dupetiaux, inspetor geral das prisões dizia: "O homem é naturalmente bom; a sociedade o corrompe. Temos de arrancá-lo às influências nefastas."

Esse tratamento de inspiração individualista pretendia regenerar o homem pelo homem. Até 1914, os presos eram trancados num cubículo, dia e noite, sem falar a ninguém. Até 1914, pode-se dizer que os delinquentes provinham da classe média ou pobre. Agora, após as guerras criminosas, que provocaram a ruína de muitas famílias ao mesmo tempo que enriqueciam os fabricantes de armas, os bancos e os cúmplices políticos, achamo-nos numa sociedade em plena decadência moral e já não são os desgraçados trabalhadores que cometem crimes, roubos e estelionato, senão os homens da alta sociedade.

Provavelmente os cárceres de luxo servirão para dar vida agradável aos bandidos com títulos.

Quanto aos famintos, os escravos cognominados canalhas ou de baixa linhagem, esses podem, como sempre, apodrecer em masmorras imundas.

As delinqüências, quase sempre, são resultado do regime capitalista que gera totalmente a imoralidade, proveitosa para os mandões da igreja, o militarismo e os políticos souteneurs de um Estado anônimo, mas catastrófica para os homens que trabalham ou para os poucos homens que se afastaram da cloaca.

Quando os senhores da sociedade cometem atos canalhas, só por casualidade se inteira disso o povo pois seus confrades evitam que estoure o escândalo.

Por desgraça para os senhoritos muitos delitos graves há hoje em toda a parte conhecidos. Sabemos ainda que, ao nascer o capitalismo, nasceram também o roubo, os crimes e as guerras.

Quanto aos delinquentes vulgares, saídos da classe pobre, não ignora ninguém que quase todos os seus delitos se devem à miséria, à promiscuidade, ao abuso do álcool — miséria mantida pelos Estados e seus parasitas para aniquilar toda possibilidade de manumissão.

Antes de ser aceito nesse cárcere-palácio, tem o preso de passar pelo Serviço de Antropologia e pelo Centro de Observação. Desse modo, serão somente os privilegiados da boa sociedade que gozarão do palácio.

Se pudesse alguém duvidar dessa afirmação, bastar-me-ia contar-lhe o criminoso escândalo seguinte. Poucos meses há, soube-se que os meninos reclusos numa escola reformatória do Estado eram torturados pelos professores. Nessa escola-cárcere são internados apenas os filhos de famílias pobres... e os professores são católicos e socialistas.

O periódico Última Hora de 21-4-55, que se diz liberal, escreve o seguinte:

NOSSA IMPRENSA

Recebemos o quarto número de Views and Comments órgão da Libertarian League (Liga Libertária) de Nova York. O companheiro secretário, R. Blackwell, envia-nos uma página impressa, com os princípios adotados pela nova Liga.

Afirma, preliminarmente, que o mundo está dividido em dois grandes blocos totalitários, um declaradamente, a Rússia; o outro, os Estados Unidos, sob aspectos democráticos, é, no íntimo, totalitário também.

Eis aqui alguns pontos ou princípios que logo atestam o caráter anarquista da nova Liga:

"Acreditamos intensamente no direito do indivíduo à mais completa liberdade até o ponto em que essa liberdade não arrisca ou infringe os direitos dos companheiros.

Acreditamos que a nova sociedade deve basear-se em socialismo livre e fraternidade. Liberdade, sem socialismo, leva ao privilégio e injustiça; socialismo, sem liberdade, é totalitário e leva à escravidão.

A nação-estado (nacionalismo), racismo e outras distinções sociais artificiais devem ser substituídas pelo princípio da solidariedade humana e fraternidade universal.

Os costumes tradicionais e a espúria moral das igrejas deve ser substituída por um código de ética humanístico.

O estado político deve ser substituído por uma federação mundial de comunas livres, conselhos de trabalho e cooperativas de todos os tipos de acordo com os princípios do auxílio mútuo e livre consenso.

Economicamente, a nossa sociedade substituirá o governo sobre os homens por um sistema funcional aligeirado na administração das coisas, pela produção para uso e não para lucro. Em benefício de todos os da comunidade humana, a produção e distribuição serão organizadas com um plano elástico. Este será elaborado por mútuo consenso entre produtores e consumidores diretamente interessados e organizados em base local, regional e mundial. Cada indivíduo tem parte no melhor que o esforço coletivo possa produzir e cada qual por sua vez deve contribuir para o bem estar geral com o melhor de sua capacidade.

A centralização do poder deve ser evitada e a coordenação das atividades organizada somente em linhas federais. A centralização leva à regimentação com sua dura uniformidade e rígida disciplina que destrói os melhores valores humanos. O federalismo tornará possível a maior liberdade individual."

Endereço: Libertarian League, 813, Broadway, New York, N. Y. Estados Unidos.

SÃO TODOS RUINS

Numa das palestras radiofônicas, que D. Jaime realiza todas as semanas, o político número um dos católicos brasileiros teve a suprema coragem de invocar o nome de Nossa (dêes) Senhora da Aparecida para que, no dia 3 de outubro, fossem escolhidos os melhores candidatos à suprema governança do país, sabendo nós e ele muito bem que entre os mesmos não há melhores nem piores, são todos ruins. Nem a proteção da Virgem Maria os fará mudar de opinião, para governar honestamente, livrando-se dos aproveitadores, em cuja fila de frente figuram os agentes do Vaticano, mamando abundantemente nas tetas do Tesouro. Entretanto, temos esperanças de que algum dia, não muito distante, as coisas se passarão de maneira diferente. A burguesia, apoiada jesuiticamente pela Igreja, se desmantela a passos agigantados e nunca mais gozará do privilégio escandaloso que as atuais circunstâncias lhe proporcionam.

"A maioria dos condenados são seres grosseiros, incapazes de reflexão prolongada, que podem ouvir um bom conselho, mas que ficam atordoados com o silêncio e isolamento."

Essa diatribe é suficiente para compreender que a sociedade atual despreza os pobres até insultá-los, já que eles sabem chorar, mas lhes imploram o voto antes das eleições. O que não diz esse periódico é que os generais, os professores, os chefes de polícia e outros acusados sejam brutos nem pobres, senão gente culta e honrada.

O capitalismo, o Estado, a Igreja e os políticos constituem um corralho de malfetores que buscam prolongar sua existência por qualquer meio.

O cinismo e a mentalidade grotesca dos privilegiados qualifica diferentemente os delinquentes conforme a classe a que pertencem.

Um pobre que rouba para dar de comer à família é ladrão. Um rico, ladravaz, é cleptômano. Um padre que furta uma herança faz uma captação, mas não é ganuço. Um general que defrauda o Estado não é larápio; é concussionário. Um trustee que açambarca alimentos para fazer subir os preços não é ratoneiro; é um instrumento do interesse público.

Matar e queimar 300.000 pessoas em Hiroshima não é crime; foi dever patriótico.

Segundo o relatório judicial contra 15 educadores dessa escola de Saint Hubert, havia lá uma cadeia elétrica à maneira da americana. Duas crianças fugidas contavam às pessoas, que escapavam das torturas diárias e só assim veio a furo o que sucedia, desde muito, ali.

Sabe-se ser usual, nas escolas católicas, surrarem os professores as crian-

ças; mas, o que nos aterra é constatar que metade dos acusados são socialistas. Curioso socialismo que admite prática criminosa, semelhante às dos seus adversários políticos.

Todos esses fatos repugnantes são prova de que socialismo, catolicismo, comunismo não passam de exploração de escravos.

Os partidos políticos não podem ter moralidade nem humanidade.

Lutar por uma sociedade libertária com os anarquistas é dever de todo homem sensato que ama o próximo.

J. SCHOEFFERT

Nota de AÇÃO DIRETA: Se nosso companheiro belga Schoeffert estivesse no Brasil e conhecesse as andanças eleitorais de agora para a presidência da República brasileira, citaria, entre seus exemplos, o caso de um dos candidatos dos mais fortes, ser apontado, acusado, processado, até hoje sem a menor defesa, de ser o maior ladrão do país. Houve um partido que o escolheu candidato, houve uma Justiça Eleitoral que o registrou e há uma polícia, um exército, uma aeronáutica e uma marinha de guerra prontinhas a empossá-lo no poder caso tenha um voto a mais, que seja, dos demais concorrentes. Só não há, para esse dilapidador de 11 milhões de contos, ou 11 bilhões de cruzeiros, uma cadeia disponível, ainda com grades de ouro.

Bem diz o velho rifão português:

Quem furta um pão é ladrão;
Quem furta um milhão é barão.

E assim foi, e será enquanto houver capitalismo, isto é, o reinado e império do dinheiro!

PAI E MÃE DOS TRABALHADORES

O novo mandarim argentino, general Lonardi, ao tomar posse do governo, disse: "Serei pai e irmão dos trabalhadores e, portanto, desejo que confiem no novo governo, como confiavam no anterior"

O falecido ditador brasileiro intitulava-se e fazia questão que lhe chamassem "pai dos pobres", mas, todos ficaram sabendo que ele nunca passou de mãe dos ricos e mãe carinhosa, que só pescava sardinhas quando anunciava ir pescar tubarões. Se o novo ditador argentino reza pela mesma cartilha (e a cartilha dos ditadores é sempre a mesma) é o caso de se dar pesames ao povo e aos nossos irmãos trabalhadores daquele país.

Hão-de ver que o novo ditador, embora se diga irmão, não abolirá uma só lei das que Perón ditou para amordaçar os sindicatos. Exatamente como os democratas e socialistas de hoje, aqui; mantém intactas as leis sindicais de Getúlio.

A farsa não acaba!

Os anarquistas afirmam o influxo das circunstâncias hereditárias e geográficas, econômicas e sociais na conformação física e mental do homem; procuram, pelo estudo desses fatores, explicar o maior número de fatos humanos. Não devemos, todavia, descuidar o papel preponderante das paixões e da vontade consciente dos homens na projeção do seu meio material.

Já bem dizia Barret que, antes de sermos efeito, somos causa. Não menos categoricamente, reconheceu Rucker ao pôr em foco o fator econômico, ser de maior importância que as circunstâncias materiais, a reação provocada por essas circunstâncias no intelecto e na ação humana. Essa reação depende, sobretudo, da conformação espiritual do homem, pois o ideal que vive e agita é mais forte que a matéria resistente e sem sentido. E não são as circunstâncias materiais que determinam o ideal por muito que possam favorecer-lhe o surto, senão que é precisamente o ideal que, embestado na consciência do homem, lhe determina a forma de existir, material, lhe dá sentido ao viver moral, intelectual e artístico. As circunstâncias materiais e as formas delas evolventes pela agência humana projetam-se no homem; mas, sua vontade, sua sensibilidade, sua inteligência as transformam e lhes determinam a direção.

E justamente nisso que divergimos dos marxistas. Para eles, o processo dialético de alienação e identificação do homem na matéria determina todo o seu modo de ser. O homem é, para eles, pura reação a circunstâncias materiais. A solução dos problemas humanos deve, assim, para eles, ser procurada fora do homem.

Para nós, ao contrário, val o homem, pelo ser quer, sentir, pensar, atribuindo, progressivamente, um sentido à realidade, sentido que não existe na própria natureza. Ele cria formas novas não existentes nela. A natureza é incondicionada; o homem dá-lhes um sentido, condiciona-a e, quanto mais se desenvolve a consciência humana, mais longe vai o processo. O homem primitivo pouco pode sobre a natureza; o homem moderno, mercê do extraordinário progresso científico, já em muitos pontos se sobrepõe à sua mãe.

Há, portanto, o homem que apenas reage às imposições naturais e o homem que impõe à natureza suas condições para satisfazer suas necessidades. E a distinção que, no homem, fazemos entre a sua animalidade e sua humanidade.

Em que consiste o progresso? Precisamente na superação da animalidade pela humanidade. Tal superação realiza-se no grande quadro a que chamamos história. Valerá por isso lembrar minha definição de história: "transformação sucessiva da realidade material e incondicionada em realidade ideal e condicionada pela ação sensitiva, volitiva e inteligente do homem sobre a matéria e sobre a sociedade, juntamente com os efeitos e correlações de tal processo". Mas, se quem dá esse sentido é o homem, não é a história, que, propriamente, faz o homem; é o homem que faz a história. Pelo menos, são certos homens que têm feito a história, pois, afinal de contas, a maioria dos homens é ainda governada por sua animalidade. O sentido do homem é justamente a humanização da própria espécie. Hoje, alguns homens fazem a história; amanhã, a totalidade dos homens fará a história.

O homem, consciência e vontade, é, portanto, uma transeendência do homem raça, tempo e meio. A relação entre um e outro

O Homem Anárquico

Por GERMINAL

é aquela que existe entre o pão e o sangue, entre a massa e o busto, entre as tintas e o quadro, entre as notas e a sinfonia, entre o conhecimento e a cultura. Por isso, antes de sermos economistas, somos sociólogos, somos humanistas e, por isso, negamo-nos a dissolver a responsabilidade do homem no abstrato econômico e social. Por isso, proclamamos que a solução dos problemas humanos está precisamente dentro do homem.

Mas, se o econômico não é mais que uma projeção do homem sobre o material e é determinado também pelo sentido da ação humana, como já deixei inferir mais acima, o social não é mais que uma circunstância material, a que o homem pode dar as formas que quiser, desde que a não elimine. O econômico e o social são, portanto, inevitáveis como realidades, mas não incondicionáveis como forma.

Mas, se é o homem que, pela sua vontade e consciência dá sentido às suas circunstâncias imediatas, devem as causas de suas criações históricas ser procuradas dentro dele próprio.

Assim, na história de toda sociedade, os fatos morais precedem os econômicos.

A propriedade não é causa; é efeito. O Estado não é causa; é efeito. A lei não é causa; é efeito. A religião não é causa; é efeito. A propriedade, o Estado, a lei, a religião, evidentemente, não são fenômenos naturais; são realidades históricas, condicionadas pelo homem, criações do homem.

Mas, se não é a história que condiciona o homem, senão o homem que condiciona a história, não é mudando os fatos históricos que se transforma o homem, se não infundindo sentido novo à consciência humana que se transforma a história.

Não é a dominação do homem pelo homem o que condiciona o dominador; é o dominador o que condiciona a dominação do homem pelo homem. Não é a exploração do homem pelo homem o que determina o explorador; é o explorador o que determina a exploração. Cabe, portanto, ao homem a responsabilidade do sentido imposto à história.

Em suma, o que importa mudar não é, por princípio, o mundo em torno de nós; somos nós mesmos.

Ora, o homem vale, não essencialmente por suas idéias, senão por seus atos. Que adianta termos uma concepção moral do mundo se esta não se traduz, imediatamente, em atos morais? E por isso dizemos que o anarquista se revela, antes por suas atitudes, que por suas concepções. Anarquista não é aquele que quer viver anarquicamente, no futuro, após a transformação das circunstâncias; anarquista é aquele que quer viver e vive anarquicamente, agora, transformando, desde já, as circunstâncias, na medida do possível. E isso é tão certo como o fato de não ser a forma da sociedade

a que define o homem, senão o próprio homem o que define a forma da convivência social. Logo, o anarquista não representa um pensamento sobre a vida e a sociedade: ele é uma função na vida e na sociedade.

O problema fundamental, no momento, não é de anarquia, pois já existe a concepção; o problema é de anarquistas. São estes os que farão a anarquia; não esta a que fará os anarquistas.

E qual é a função dos anarquistas na sociedade atual? Direi: E A FUNÇÃO DO INCONFORMADO MORAL.

Por exemplo: porque há exploração? Porque existem homens que se dispõem a explorar o próximo e homens que se dispõem a ser explorados pelo próximo.

Porque existe o governo do homem pelo homem? Porque há homens que se dispõem a concentrar em suas mãos o governo da vida e ação alheias e, principalmente, porque há homens que se conformam em transferir a responsabilidade dos próprios atos para o arbítrio de outrem.

O anarquista é o homem que não se conforma nem com o papel de explorador nem com o de explorado; nem com o de governante, nem com o de governado.

Ora, não é, por exemplo, a burguesia que faz o burguês. Ao contrário, é o burguês que faz a burguesia. Logo, o anarquista não tendo a mentalidade burguesa, não deve subordinar-se às circunstâncias criadas pelos burgueses; por isso, não será, jamais, explorador; não tendo mentalidade de mando, jamais será governante.

Mas, se o anarquista é o homem que se libertou da mentalidade de escravo ou de explorado, haverá de ser sempre um protesto vivo contra o governo e a exploração.

Mas, esse protesto, no homem anárquico, não advém da mera circunstância material de explorado; procede de sua consciência moral. Ele não se revolta porque passa fome, mas porque acha injusta a exploração. Com efeito, se o homem anárquico se definisse pelas circunstâncias, mal o nível econômico o pusesse acima das necessidades materiais imediatas, acabaria completamente o seu anarquismo.

Certamente, antes das classes trabalhadoras, está o homem faminto; mas, nós anarquistas, não devemos ir às classes trabalhadoras para dizer-lhes que se devem revoltar porque têm fome, senão porque é indigno do homem servir de instrumento servil a outros homens. O homem há de revoltar-se pela consciência da sua humanidade e não da sua animalidade.

Havemos, também, de ir ao burguês para convencê-lo da imoralidade da sua posição; para que ele, como o fizeram Cafiero e Kropotkin, se despoje de seus bens em favor dos que antes explorava e venha lutar ao lado deles pela dignidade e pela justiça.

Cumpre, em suma, ir ao homem. E a ele e, antes mesmo de apelar para o seu intelecto, incitar-lhe os sentimentos, porque, como diz Taine, não é com a idéia que se faz o homem subir acima de si mesmo; é com o sentimento. O anarquismo tem profundas raízes morais que, sem grandes dificuldades talvez, poderão, pela propaganda falada, ou melhor, pela do exemplo, dar nova configuração à mentalidade dos homens e fazê-los, assim, mudar o seu meio material.

Bau de Lembranças

Antes de Getúlio Vargas, por mão do seu ministro do Trabalho Lindolfo Collor, se apropriar dos sindicatos livres, ajudado pela infame traição dos bolchevistas, ditos comunistas, florescia, nesta cidade do Rio de Janeiro, uma Liga Anticlerical que trazia de canto chorado o clero e seus maiores.

Sua sede era na rua Teófilo Ottoni. Havia conferências semanais e publicavam-se manifestos quando calhava. Seu órgão oficial era a Lanterna de S. Paulo, valentíssimo semanário, dor de cabeça perene da Santa Madre no Brasil.

Como exemplo dessa atividade constante, escolhemos, em nosso bau de lembranças, o seguinte manifesto.

A LIGA ANTICLERICAL AO POVO

Concidadãos!
Incensantemente temos denunciado as ambições políticas da Igreja Católica, hoje transformada em Estado do Vaticano e aliada, pelo tratado de Latráo, ao Estado Imperialista italiano, dirigido pelo maior déspota vivo no mundo: Benito Mussolini. Isso prova que a Igreja, como sempre afirmamos, é uma instituição por natureza reacionária, inimiga da liberdade de pensamento e das modernas conquistas sociais.

Agora, o jesuíta Luís Riou, diretor da Federação das Congregações Marianas, em nome da autoridade metropolitana e do Sumo Pontífice, inteiramente subordinada ao jesuitismo, acaba de proclamar a obrigatoriedade do alistamento eleitoral de *cadáveres, homens e mulheres, sob pena de não obterem absolvição dos pecados na confissão.*

Temos, assim, mais uma prova clara, inofismável, do que afirmamos sempre: ser a confissão uma abominável arma política, de que se vale a Igreja para dominar as massas inconscientes.

Concidadãos!
A Igreja, escorraçada da Espanha e do México, tais os incríveis males causados lá por essa instituição parasitária e exploradora dos pobres, tenta criar no Brasil a mesma situação por ela perdida naqueles países.

A Liga Anticlerical do Rio de Janeiro dá mais um brado de alerta contra esses espíritos estrangeiros, mancomunados com déspotas imperialistas e concita todos os espíritos independentes a se inscreverem na Liga Anticlerical e congregarem todos os seus esforços na luta contra essa anacrônica e indesejável camorra internacional.

Concidadão! Estás convencido de que a Igreja Católica é um estorvo ao progresso e à civilização? E do teu dever ingressar na *Liga Anticlerical* e assistir às conferências, aos sábados, às 20 horas e meia.

Nota de AÇÃO DIRETA — *Fala-se, nesse manifesto, no escorraçamento da Igreja Católica de dois países: Espanha e México. Realmente, assim fora nessa época. Desgraçadamente, as duas guerras mundiais, promovidas pelo capitalismo, provocaram, com o bolchevismo na Rússia, o fascismo na Itália e o nazismo na Alemanha, novo surto do Estado essencialmente tirânico. Stálin, Mussolini e Hitler ressuscitaram os tempos de Luís XIV, instauraram na terra o totalitarismo com a mania expansionista ou imperialista, cujas tremendas calamidades ensanguentaram a primeira metade deste século.*

Ajudado por esses déspotas e mimado pela Igreja Católica, aliada desses miseráveis facinorosos, o caudilho espanhol Francisco Franco logrou vencer os homens livres de Espanha que, em 1936, se levantaram de armas na mão contra o golpe dos reacionários, denominados falangistas. A vitória de Franco, devida à infame traição dos bolchevistas, deu ganho de causa à Igreja que se instaurou novamente na Espanha com todas as unhas afiadas. O Vaticano impôs a Franco o mais degradante de todos os regimes por meio de uma concordata vergonhosíssima. O Estado do Vaticano, Estado estrangeiro, domina absolutamente dentro do Estado Espanhol, com seus funcionários diretamente nomeados pelo papa, seu Santo Ofício inquisitorial, sua draconiana censura e seu decisivo açambarcamento de toda a educação espanhola.

Todavia, como certíssimo é que tempestades colhe quem semeia vento, temos por incontrastável que a negra tirania atual da Igreja na Espanha efêmera será e que sua queda, em próximo futuro, ali será definitiva, pois o sangue hoje derramado clama fortemente nas almas indômitas dos espanhóis e estes, no dia do ajuste de contas, não deixarão pedra sobre pedra dessa nefanda instituição!

O que têm feito os Apóstolos de Cristo

A cidade do Vaticano, quartel-general da Igreja, ocupa uma área de 44 quilômetros quadrados. Está cercada por enormes muralhas e guardada por um destacamento de 600 homens armados, sob o comando do Ministro do exército, Cardeal Montini. O papa não recebe ninguém sem que passe primeiro através das 12 antecâmaras e preste os devidos esclarecimentos a Monsenhor Carlos Emanuele Toraldo, camarista secreto da corte do papa com o falso título de copeiro, espécie de espião que encaminha os visitantes com o auxílio de Monsenhor Federico Callori di Vignale. Cada sala tem um piquete permanente de serviço (guarda palatina) com espingarda e baioneta calada. As sentinelas prestam continência em sentido, à passagem dos cardeais, e ajoelnam-se a passagem do papa.

A única pessoa que não precisa de pedir audiência ao Sr. Eugenio Pacelli, 262.º pontífice, é uma simpática irmã Pasqualina, sua criada. Seus principais secretários são: Mons. Montini e Mons. Tardini, respectivamente, Ministro do exército e dos assuntos estrangeiros do Vaticano. O quartel-general tem seus armazéns pontifícios que são abastecidos de produtos americanos, não fugindo, contudo, à cubija do mercado negro. Seu órgão de propaganda anuncia recentemente que o exército de crentes não tem fronteiras, e atinge a totalidade de 350 milhões de seres humanos.

A Igreja não sabe como mentir para penetrar nos cérebros frágeis e incultos, chegando finalmente àquela lendária ameaça, o "fogo-do-inferno". De fato, o que hoje não passa de ameaça foi, em tempos idos, realidade por iniciativa de um dos filhos da Igreja, S. Domingos, inventor das fogueiras da Inquisição, que tiraram a vida a mais de 500 mil seres humanos. Outro precursor da Igreja, Moisés, para fazer acreditar ao povo de Israel que havia falado com Deus, mandou matar 23 mil pessoas. Filhos da Igreja foram também os matadores de 12 milhões de americanos (segundo o bispo espanhol Las Casas): os carrascos dos 400 mil japoneses que pereceram por não acreditar na Igreja de Roma; os instigadores e autores da guerra religiosa desencadeada por motivo do suplicio de João Huss e Jerônimo de Praga, na qual perderam a vida 15 mil pessoas.

As cruzadas contra o imperador Gregório 7.º deram a morte a 300 mil seres humanos. O cisma do Ocidente (século 14) reduziu em 50 mil mortes. As guerras entre bispos e religiosos das diversas seitas sacrificaram 20 mil vidas. A imperatriz Teodora, viúva de Teófilo, em cumprimento da penitência do seu confessor, fez massacrar 120 mil Maniqueus. Nas guerras religiosas, por ordem do papa Martinho 6.º (século 16), morreram 2 milhões de seres humanos. Cinqüenta mil vidas foram exterminadas por ordem do cristianíssimo Carlos 5.º; 50 mil por ordem do não menos cristão Filipe 2.º — in-

quisidor. Trezentos mil homens pereceram na revogação do édito de Nantes. Cinco milhões na guerra dos trinta anos (século 17). Quinze milhões de índios foram passados pelas armas, no México por ordem dos escravos da batina. Cem mil seres humanos pereceram nas cruzadas dos frades cavaleiros, que devastaram as terras marginais do Báltico. Cem mil nas cruzadas contra o Languedoc.

Filhos da Igreja foram os assassinos e matadores de 60 mil protestantes, na noite de S. Bartolomeu, em França (24 de Agosto de 1572), a ordem do papa Gregório 8.º. Filhos da santa madre foram os autores do maior auto-de-fé em Espanha (9 de Setembro de 1599), onde perderam a vida mais de 200 mil protestantes. Filhos da Igreja foram os autores da guerra entre os Guelhos e Gibelinos, que, durante mais de um século, arruinou a Itália.

A Igreja é simão de Montfort, que encerrou num templo 50 mil cadáveres. A Igreja é Arnaldo de Amlicric, o suposto representante do Deus da Paz e do Amor, que dizia aos seus soldados: "Matai, matai, que Deus saberá reconhecer os inocentes!" A Igreja é o ensaiador do milagre de La Salette, na pessoa do padre Duperrier. E a santa milagreira, na pessoa da religiosa Constance Saint-Herrel de La Marlière. A Igreja é também o Cardeal Bonald, que publicou uma pastoral contra esse milagre (19 de setembro de 1846). A Igreja é o padre Fernando da Costa, prior de Francoso (Portugal) pai de 275 filhos, 200 dos quais do sexo feminino e 75 do masculino, concebidos por 54 mulheres: 29 filhas (com 97 filhas e 37 filhos), 5 irmãs (com 18 filhos e filhas); 9 mães em quem fez 56 filhos e filhas; 7 mães (com 33 filhos e filhas); 2 escravas (com 29 filhos e filhas); 1 tia (com 3 filhos) e a própria mãe (com 2 filhos). O referido representante de Deus foi condenado por um processo que se encontra na Torre do Tombo, arquivado no armário n.º 5, maço n.º 7, relativo ao ano de 1487.

A Igreja é o padre Francisco Deville e Manuel Fernandes que deportaram D. Afonso 6.º, rei de Portugal, para que sua mulher, Maria Francisca Izabel de Saboia, casasse com seu cunhado D. Pedro 2.º, de quem se tinha feito amante. Da Igreja são as seguintes medidas: proibição da leitura dos livros de física e química e até da própria Bíblia, assim como da dissecação dos corpos humanos pelos estudantes de medicina, nos concílios, respectivamente, de Tours (1163), de Paris (1231) e de Toulouse (1229). Foram autores de tais decretos os papas Bonifácio 8.º, Alexandre 3.º e João 21.º. Da Igreja são a excomunhão e a perseguição a todos os inventores, desde Franklin (pararraios) até Addour (alambique). Da Igreja são Jacques Clemente e Ravalliac, matadores dos reis de França Henrique 3.º e Henrique 4.º. Deste último rei, existe uma carta datada de 17 de agosto de 1595 em resposta ao pedido do papa para autorizar que os

Jesuítas continuassem na França, onde se lê o seguinte: "Acêrca do pedido de V. Santidade respondi ingenuamente ao legado que, se tivesse duas vidas, daria uma de boa vontade para satisfazer sua Santidade, mas como tenho uma só, preciso poupá-la". Apesar dessa precaução, não escapou ao punhal da Igreja.

Filhos da Igreja foi o papa Paulo 5.º que afirmava ser a Inquisição o "baluarte da Santa Sé", provocando tanta indignação com suas afirmações que, em 18 de agosto de 1599, o povo se revoltou e mutilou a estátua do seu antecessor, Paulo 4.º. Filho da Igreja foi Eugênio 4.º, filho do papa Gregório 12.º e de uma tal Beneditina, que dirigiu aos cardeais, antes de morrer, estas palavras: "Reconheço ter cometido grandes crimes durante o meu pontificado. Depois de mim eleva-se a cadeira do Apostolado um Santo Padre, que faça reinar a probidade em vez do roubo e do assassinio, que há tantos séculos estabeleceram a sua corte no Vaticano" (do Almanaque "Humanidade" 1930). Filho da Igreja foi o Sr. Masti Ferretti, ex-franco-maçom, eleito papa Pio 9.º, que dirige (em 11 de julho de 1876) ao Brasil, uma encíclica, onde promete levantar a excomunhão que pesava sobre o império, no caso de serem expulsos os pedreiros-livres. Da Igreja é a aprovação no Concílio de Erford, que a seguir transcrevemos: "Os bispos reunidos em concílio, declaram que Deus autorizou os reis a matarem os povos que não lhes pössam ou não queiram pagar o dízimo" (10 de Março de 1073). Da Igreja é o padre Manuel de Nóbrega, que, à sua chegada ao Rio de Janeiro, ensina ao carrasco a matar no cadafalso o francês João Belés. Da Igreja é o Papa João 22.º, que extorquiu mais de 50 milhões de florins-ouro em taxas da chancelaria apostólica — para absolvição de todos os crimes por mais infames que fossem. Eis alguns artigos do terrível documento: "O eclesiástico que cometer o pecado da carne quer com freiras, sobrinhas ou afilhadas, ou quaisquer outras mulheres será absolvido pela importância de 67 libras e 12 soldos. O padre que deflorar virgem pagará 2 libras e 8 soldos.

A mulher adúltera que pedir absolvição para estar ao abrigo de toda e qualquer perseguição e ter larga dispensa para continuar as suas relações, pagará 87 libras e 3 soldos.

Em caso semelhante, o marido submeter-se-á à mesma taxa.

Absolvição e segurança contra toda e qualquer perseguição, pelos crimes de rapina e incêndio, custará 131 libras e 7 soldos.

A absolvição do assassinio, cometido sobre um secular, é taxado em 15 libras, 4 soldos e 3 dinheiros. Se o assassino matar muitos homens no mesmo dia não pagará mais nada" (Estes e tantos outros artigos da taxa apostólica de João 22.º podem ver-se na obra do historiador Maurice Lachatre, "Os crimes dos Papas, Reis e Rainhas", vol. 2.º, pag. 235).

A Igreja é o padre Romualdo (do Estado do Rio), que não absolvia ninguém quando o clube Fluminense perdesse no futebol. Certo dia, procurado por um devoto que pretendia descarregar seus pecados, após uma derrota do referido clube, impôs-lhe severa penitência. Quando porém, o confesso lhe disse que pecara por não se conformar com a derrota do Fluminense, padre Romualdo emendou: "As faltas não são assim tão graves, pois você se arrependeu. Vá para casa e repasse dez vezes seguidas o hino do Fluminense" (Diário de Notícias de 10 de Abril de 1955).

Depois de tantos milhares de crimes dessa natureza, a Igreja decal vertiginosamente, roída pelo seu próprio sistema totalitário.

Vejamos a opinião de alguns dos seus melhores defensores. O padre Robinet Marcy afirma em seu livro "Os Católicos e a questão Social": "O trabalhador considera a Igreja aliada cega do Capitalismo e a julga reacionária". Por sua vez a Sagrada Congregação do Concílio em carta dirigida ao Cardeal Lienart, a 5 de junho de 1925 dizia: "Os progressos impressionantes do socialismo e do comunismo, a apostasia provocada nas massas operárias, são fatos que demandam serias reflexões" e, finalmente, o papa Pio 11.º afirmou: "O maior escândalo do século 19 é que, em realidade, as classes laboriosas desartaram da Igreja. Já é escândalo que 19 séculos após a morte de Cristo, ainda haja terras pagãs que não admitem a grande nova. Escândalo maior é ver-se hoje em países outrora inteiramente cristãos, desbaratada a fé dos seus antepassados."

O mundo em que vivemos tem cerca de dois bilhões e meio de habitantes, com um aumento diário (além das mortes) de 46 mil nascimentos e, como vemos, as estatísticas da Igreja afirmam que 350 milhões são crentes. Como se deduz, a Igreja já não vive numa grande parte do globo, apenas estrebucha. O Brasil, por exemplo, teve 128 deputados padres, de 1823 a 1853, e de 1854 a 1889 teve apenas 27 deputados sacerdotes. De então para cá, a queda da Igreja no terreno da política tem sido arrasadora. Hoje, no Brasil luta-se com grande falta de representantes de Cristo, pois para 50 milhões de habitantes, restam-lhe apenas 7 mil padres, e com grande tendência a diminuir.

Após esta ligeira análise dos crimes praticados pelos filhos espirituais da Igreja, é quase sempre em nome de Deus, resta-nos afirmar que esses monstros da batina não acreditam na sua existência. Se assim não fosse, ao levar à prática crimes como os que atrás citamos, teriam em conta a presença do Deus-Justiciero. Infelizmente para as vítimas da Igreja, não houve um santo que lhes vallesse, nem mesmo por descargo de consciência. Desses passado fradesco ficou a lição de que a violência nada constrói, pois o que se observa de fato, dezoito séculos depois, é que apenas restam a maldade, o cinismo, a hipocrisia e a lama ensanguentada onde a Igreja enterrou as suas vítimas.

VARLIN

AD MAJOREM SATANA GLORIAM

Por PEDRO BOTELHO JUNIOR

HÁ NECESSIDADE DE CONHECER MELHOR O DIABO

Para que os leitores de AÇÃO DIRETA travem conhecimento com o responsável por este canto de colona e de tudo quanto por aqui aparece escrito, (o que o filho do Diabo fará sempre que lhe for possível e seu pai, o dono do Inferno, consentir), publicamos a seguir o que ele pretende fazer, ou melhor, escrever durante o período (curto ou longo, não sabemos), de sua permanência por este mundo, que não é seu nem de ninguém, mas de todos os que aqui estão de passagem, uns bem colocados na vida, gozando do bom e do melhor; outros, explorados até o infinito e suando por todos os poros para comer (quando podem), o pão que o Diabo amassou. Há necessidade de conhecer melhor Satanás, porque segundo o que se sabe, ele, como o seu adversário, o Deus dos católicos, está em toda parte, ambos, medindo forças, sem que até agora o Diabo tenha sido liquidado. Pelo contrário, em diversas refregas com os Exércitos Celestes, derrotou-os e só não se proclamou rei do Universo, porque — diz ele — Deus vencido tornar-se-ia Satanás; Satanás vencedor, tornar-se-ia Deus. E o Diabo não quer ser Deus. Ama o Inferno que formou seu gênio; ama a Terra, onde espalhou algum bem.

Satanás revoltou-se para ser livre e livre ficou, lutando sempre para que a Humanidade não pereça sob o domínio dos adeptos de Santo Inácio de Lolola.

Feita esta apresentação, passamos a reproduzir o que o filho do Diabo nos disse sobre o seu programa de ação: "Reverendo meu arquivo, onde coleciono uma infinidade de coisas úteis, dei com um discurso proferido pelo falecido pai dos pobres e... mãe dos ricos, num dos momentos em que a demagogia imperava, cem por cento, dentro do seu raciocínio. No fim do discurso, em tudo igual aos anteriores, cheio de promessas e ameaças a todo o mundo, aconselhava os capitalistas a conceder algumas melhorias aos trabalhadores antes que estes, acossados pela fome e falta de todo o necessário para uma existência racional, fizessem justiça pelas próprias mãos.

Em seguida, veio-me às mãos um recorte onde se descrevia a utilidade de uma "guilhotina portátil" que parecia indicada para distribuir a justiça preconizada pelo ex-ditador.

Vale a pena conhecê-la, muito embora só para ser usada imaginariamente. Foi descrita num diário matutino desta Capital, por Regina Stella, de quem solicitamos a devida vênia para a sua divulgação:

"A invenção, grande invenção: uma guilhotina portátil. Pequena máquina, leve, numa bolsa discreta, que não chamasse atenção. Seria levada nos ônibus, nos bondes, quando fôssemos a um Ministério, a um consultório, ou enfrentar uma fila. Um aparelhinho que nos acompanharia diariamente, aonde quer que fôssemos."

E termina o filho do Diabo: "Como Regina Stella, somos de opinião que a guilhotina portátil só deve ser usada imaginariamente. Mas aqui para nós, que ninguém nos ouça, que ela faz falta, faz. Por isso, de acordo com as instruções do inventor ou inventora, vou usá-la imaginária e discricionariamente, nos meus escritos, principalmente contra os que enganam e exploram os trabalhadores, sejam eles capitalistas, vigários ou filhos... de Maria.

O filho do Diabo vai distribuir justiça pela sua própria... imaginação, porque a justiça humana (a burguesa), é... uma injustiça."

ARRECADARAM MILHÕES E NÃO PRESTAM CONTAS

Milhares de contribuintes, (uns espontâneos, a maioria cogidos), para as festividades do Congresso Eucarístico, estão botando a boca no mundo, querendo saber para onde foi o fabuloso saldo monetário resultante das doações, contribuições e subvenções dos governos estaduais, municipais e, muito principalmente do governo federal. Ninguém sabe até agora o destino, dado a essa colossal fortuna. Mas podemos garantir que a estas horas o tesouro do Vaticano está reforçado com essas importâncias, uma vez que tudo quanto foi arrecadado para o Congresso foi feito em nome de Deus, e o Papa, seu representante na terra, não tem por hábito prestar contas a ninguém. Se alguém duvidar da honestidade dos homens de batina, acautele-se e, para o futuro, não contribua com coisa alguma para as farras dos homens de batina. Quem quiser Congressos, faça-os a sua custa, com os dinheiros do tesouro de Tio Sam ou do Vaticano, que, atualmente, são a mesma coisa. Quem avisa, amigo é.

ESTUDOU PARA VIGÁRIO E TIROU DIPLOMA DE VIGARISTA E CONQUISTADOR

Já existe a opinião generalizada e sem a menor sombra de dúvida, a respeito de duas profissões rentosas, exercidas por indivíduos que gostam de gozar a vida a custa do suor alheio: — e a dos vigários de Cristo que em troca de umas palavras em latim proferidas em missas, cobram alto preço dos ingenuos que, com a prática desses ritos religiosos, estão em paz com a consciência e com o seu Deus; e a dos vigaristas, que também vivem enganando o próximo mas que, de vez em quando, vão dar com os custados no posto policial, se não repartem com os vignantes da lei o fruto do seu trabalho.

E nesta categoria que está catalogado Helio José Savastano, de 22 anos, que entrou para o seminário para tornar-se Vigário e saiu perfeito vigarista. Tão perfeito, que conseguiu apoderar-se de importâncias elevadas, falsificando assinaturas, para gastá-las com as amantes. A primeira vítima ao quase vigário foi uma sennora viúva, como se pode verificar neste trecho do "O Jornal" do dia oito de setembro: — "Sabedor de que a mulher possuía regular fortuna, tratou de ir diapidando-lhe os haveres, para o que não hesitou em imitar-lhe a assinatura num talão de cheques. O saque, de 91 mil cruzeiros, foi feito contra o Banco do Comercio e Industria de Minas Gerais. Outros se lhe seguiram. Até que a viúva, desconhecendo dos gastos imoderados do amigo, foi fazer o levantamento de sua conta no banco. Grande foi sua surpresa, ao verificar que já não possuía ali importância superior a 90 mil cruzeiros, quando seus depósitos montavam, antes disso, a 1 milhão e 600 mil cruzeiros.

A essa altura, havia o ex-seminarista adquirido, com outro cheque falsificado, um carro de passeio pertencente a...

Outras falcatruas foi praticando até que uma das vítimas deu queixa à policia e foram "realizadas diligências, que terminaram com a prisão do meliante, na Estrada do Mato Alto, em Campo Grande. Ali se escondera, ao saber-se procurado pelas autoridades.

Foi uma de suas amantes que o denunciou. Haviam os investigadores apreendido, logo no começo, um caderno pertencente ao vigarista, com os endereços de varias mulheres. Estava ele então em casa de uma tia, na rua Luiz Bastos n. 594."

Como se vê, o ex-quase vigário e vigarista tirou o curso completo. Igual a muitos outros, mais inteligentes que o sr. Helio, que a policia não agarra porque se escondem nos conventos e nas sacristias, praticando todos os atos que a moral condena e a religião católica, apostólica, romana tolera absolvendo os pecadores.

O DIABO NA ACADEMIA

No dia 27 de agosto, a Academia Brasileira de Letras viveu um dos momentos mais expressivos da sua história. Reunidos os acadêmicos no Salão Nobre, com a presença de figuras as mais representativas das finanças, da intelectualidade e da administração governamental, a trindade que explora o trabalhador até a última gota do seu sangue, realizaram sessão solene para receber o novo acadêmico, o sr. Chateaubriand, que iria preencher a vaga deixada pelo famoso sr. Getúlio Vargas, nome por demais conhecido pelos trabalhadores e cuja lembrança causa terror a todos aqueles que não faziam parte da quadrilha de pelegos, filhos desnaturalizados do Estado Novo, que se locupletaram nas subvenções do imposto sindical e da Recreação Operária.

Chateaubriand, o magnata da imprensa e do rádio brasileiros e beneficiário do Banco do Brasil, como de praxe, fez o elogio do seu antecessor, ocupante da cadeira n.º 37. E o fez de forma que mais parecia a biografia do Diabo, que a do ditador. Nada menos de sete vezes (não é conta de mentiroso, pois o discurso foi irradiado, televisionado e publicado e qualquer um pode confrontar se está certo), foi citado o anjo rebelde como inspirador da obra realizada pelo pai dos pobres e mãe dos ricos, durante a sua governança de tão triste memória.

NO PARAISO DE SALAZAR

Por EDGART RODRIGUES



Favelas portuguesas na Vila de Espinho, onde se alberga a miséria dos pescadores. E um dos muitos quadros que o sr. Herbert Moses não contemplou na sua visita a Portugal...

VI

A alimentação do povo português, uma das mais deficientes do mundo

Grandezas sobre Portugal não se conta só o sr. Herbert Moses, mas todos os mantidos pelo Secretariado Nacional de Informação (S. N. I.) portuguesa; mas, a verdade é outra. Ouçamos a voz autorizada de D. Maria José Novais, em conferência pública a convite da Liga de Profilaxia Social, em matéria hospitalar: "Baixando os olhos aos municípios, encontraremos hospitais que têm, para 90 freguesias, apenas 40 camas!" Em matéria de alimentação, além dos casos citados, lembramos que, num recente quadro onde figuravam diversos países, sobre consumo de leite, manteiga e queijo aparece a Suécia com 275 litros de leite para cada habitante por ano, a Dinamarca com 260, o Canadá com 118, a Suíça, com 250, a Bélgica com 199, a Holanda com 150, a Itália com 30 e Portugal com apenas 15. Em queijo e manteiga, enquanto quase todos os países atingiam mais de uma dezena de quilos, por pessoa, Portugal estava em branco. E assim que o povo português aparece, aos olhos do sr. Moses, bem nutrido!

Não são as paixões que alimentam ou prestam assistência aos necessitados, mas, em grande parte, os necessitados uns aos outros. A Liga de Profilaxia, a que nos vimos referindo, é uma organização de abnegados que tantos serviços tem voluntariamente prestado à saúde pública. Apesar disso, não só não recebe benefícios do Estado, mas paga impostos, como qualquer organismo, e tem até sido já processada pelos tribunais. Sua situação

financeira atingiu tão alto grau de miséria, que, já no desenrolar da guerra, foi forçada a pedir auxílio financeiro à Fundação Rockefeller. A mesma Liga insistiu, durante alguns anos, junto das autoridades, na necessidade de criar uma ou mais gafarias, sendo a 1.ª criada em 1938 e, por incrível que pareça, o dinheiro era do benemérito rovisco Pais, embora muitos patriotas penssem ser obra de Salazar.

A obra de assistência atribuída a Salazar é exclusivamente de particulares

A lei 1.581, de 11 de abril de 1924, que autorizou a proteção e assistência aos tuberculosos e portadores de outras doenças, foi engavetada pelos homens de 1926, tornando-a letra morta. Graças aos esforços da Liga de Profilaxia e principalmente do seu fundador e presidente, Dr. António Emilio de Magalhães, essa lei viu a luz do dia em 1944. E da mesma Liga a intercedência junto das autoridades para serem removidos os alienados que se encontravam no Aljube do Porto para o hospital do Condé Ferreira. Acresce, porém, que a lei 1.581 ainda foi letra morta, pois as respectivas despesas com os doentes mentais foram assim distribuídas: 1/3 pago pela família; 1/3 pela Assistência; 1/3 pela municipalidade. E nosso dever acrescentar que o dito hospital foi obra de beneméritos, como obra de beneméritos foi o Protetorado da Infância do Porto, sustentado por duas senhoras viúvas, com cuja morte desapareceu.

Vejam a que muitos chamam obra de Salazar através do noticiário dos jornais: "Realizaram-se os costumados cortejos de oferendas em benefício dos hospitais de Manteigas e Torres No-

vas, cujos donativos se destinavam também ao Asilo de Velhos e à Creche Infantil." (Do "Jornal de Notícias", Porto, 12/12/1954). Efeetua-se amanhã o Cortejo de oferendas a favor do hospital de Fafe. (Do "Jornal de Notícias", Porto, 5/1/1955). Realizou-se a distribuição de vestuário aos alunos pobres de 3 escolas, oferta do sr. José Teixeira, de Vilar de Maçada. (Do "Jornal de Notícias", 5/1/1955). E precária a situação financeira do hospital de Aveiro. Iniciou-se o pedimento pela cidade a favor do Asilo dos Velhos de Chaves. (Do "Jornal de Notícias", 6/1/1955). Cortejo de oferendas a favor do hospital do Barcelo. (Da "República", 5/11/1954). Cortejo de oferendas a favor do hospital de Anadia. (Do "Jornal de Notícias", 27/11/1954). Cantinas escolares fundadas por dois beneméritos: Assis da Silva Gonçalves e Lúcio Tomé Feteira, junto das escolas de Vieira de Leira. (Da "República", 4/11/1954). Santarém — A herança do grande republicano José Relvas é para os pobres de sua terra. ("República", 15/2/1955). Um proprietário de Grândola, António Inácio da Cruz, deixou, por sua morte, 70.000 contos para criar uma escola agro-industrial destinada aos pobres da região. ("República", 5/4/1955). Duzentos contos oferecidos pelo sr. Manuel Pimenta para a construção de um edifício de assistência aos pobres do Luso. ("Voz de Portugal", do Rio, 14/8/1955).

Poderíamos encher muitas páginas com notícias de obras desta natureza, às quais os fanáticos, os patriotas fascistas e o sr. Herbert Moses chamam a "grande obra de Salazar".

Outros aspectos de assistência há ainda atribuídos à ditadura, que esclareceremos no próximo artigo.

NIHILISMO E ANARQUISMO

A. MOSSENA

Foi na revolução polaca de 1863 que surgiu o movimento nihilista. Naquela época, reinava o terror na Rússia. Sucedendo, ao despotismo de Nicolau I, a aclamação de Alexandre II, estava o povo polaco sofrendo a maior das opressões, e todos os povos que aspiravam à liberdade e melhoras econômicas, eram espeznhadados, presos e deportados para a Sibéria.

As classes cultas, pensavam ao liberalismo ocidental alimentavam as mais entusiásticas esperanças. Sob a direção de pensadores como Dorela-ljubov, Lovruv, Kropótkin e Miguel Bakúin, desenvolveu-se acentuado movimento na literatura contra as instituições tradicionais da Rússia.

A repressão do levante polaco estimulou o descontentamento e o movimento espetacular da comuna de Paris acabou de o excitar.

O nihilismo, a partir de 1870, tornou-se ativo. Estendendo-se a quase todas as classes cultas, esforçou-se por espalhar sua doutrina pelas aldeias. Um centro revolucionário permaneceu em Zurich (Suíça); nele ingressou grande número de moças e rapazes russos que se tornaram ativos agentes de propaganda em todo o império. Espalharam-se os novos ideais como fantasma religioso em todas as classes e então resolveu o governo intervir. Os revolucionários, em resposta, foram ao extremo.

Em 1877, houve o célebre processo das cinquenta e uma das principais acusadas de propaganda.

A partir dessa data, o terror nihilista afrontou o terror estatal. Multiplicaram-se as medidas repressivas e as condenações. Os atentados revolucionários não cessaram de lhes responder. A organização secreta do movimento fortaleceu-se e aperfeiçoou-se.

No dia 26 de agosto de 1879, um comitê condenou à morte o czar Alexandre. Três tentativas sucessivas falharam; mas, a primeira de maio de 1881, foi ele mortalmente ferido pelas bombas de Russizakov e Grinivitski ao passar perto do canal de Santa Catarina.

Havia no partido nihilista elementos moderados. Com a morte do czar, deixaram eles o partido. Os que tinham tendências anarquistas acabaram identificando-se com o movimento anarquista; os que tinham tendência social-democrática seguiram esse partido. Assim findou o movimento nihilista; cada um dos seus membros seguiu a corrente filosófica ou política que lhe convinha.

O anarquismo nunca teve responsabilidade direta ou indireta com qualquer movimento terrorista ou carbonário. Se algum simpatizante do anarquismo, ou mesmo anarquista, praticou atentados terroristas, foi isso ato individual, de que ao movimento anarquista não cabe qualquer responsabilidade.

A doutrina anarquista tem sido propagada e definida por grandes pensadores e homens de ciência, sociólogos e filósofos, como Elizee Réclus, grande geógrafo, Pedro Kropótkin, naturalista e geólogo, Francisco Ferrer y Guardia, professor e fundador da escola moderna e muitos outros em cuja vida jamais apontou algum nódoa alguma.

"IBRAHIM SUED" E SUA "GENTE BEM"

POLÍTICA E DECADÊNCIA DA SOCIEDADE BURGUESA

Os colunistas sociais da imprensa diária e periódica são um exemplo vivo do atual estado de coisas. Vejam o que foi publicado nos "A Perdidos" do "Diário de Notícias", como matéria paga e que nós divulgamos gratuitamente:

"De uns tempos para cá um estranho espécime jornalístico se infiltrou na imprensa do país, escrevendo asneiras publicadas com destaque em importantes jornais do Brasil. O estilo, chão. O assunto, uma das coisas mais revoltantes que se poderia explorar: a divulgação da vida de certa gente que só numa noite gasta o salário mínimo de um operário, que com isto tem de atender a todas as necessidades de toda a família. O sr. Ibrahim Sued é porta-voz dessa gente e a imprensa, que tem todo o interesse em cortejá-la, oferece-lhe espaço para publicar as suas crônicas que, embora pessimamente escritas, agradam ao "grand-monde". Logo que esse pseudo-jornalista apareceu assinando crônicas na imprensa do país, surgiram as mais contraditórias interpretações dos seus propósitos. Uns diziam que o sr. Ibrahim Sued não passava de um simples gozador e que conseguira arranjar uma diversão permanente e baratíssima observando aqueles que levavam a sério as criações de sua inteligência desmorteada. Outros achavam que o sr. Ibrahim Sued não passava de um agitador profissional. E, explorando a ingenuidade dos grã-finos, se informava das suas loucuras, divulgando-as com finalidade exclusiva de despertar uma revolta justíssima nos setores mais equilibrados da população. Outros ainda achavam que não passava o tal cronista de uma expressão fiel do meio que representava e, se melhor não fazia, coitado, era porque a natureza houvera sido madrastra para com ele. Esse, parece-nos, é o sentido verdadeiro da participação do sr. Ibrahim Sued em certo jornalismo do Brasil, mesmo porque não podemos admitir que certos órgãos da imprensa, respeitáveis por sua qualidade jornalística, se prestassem à tribuna de um gozador maluco ou de um agitador profissional. Essa imprensa cede, evidentemente, à influência dos milionários que o sr. Ibrahim Sued faz, diária e semanalmente em dois órgãos da imprensa do país, desfilar com todas as mazelas de suas mentes corrompidas pelo dinheiro e pelo poder. O sr. Ibrahim Sued não faz mais e melhor porque não pode. É um caso de impossibilidade material como aquele, contado pelo crítico Agripino Grieco, de certas pessoas que nunca morrerão de derrame cerebral por falta de matéria-prima. E não é preciso conhecer muito o cronista a que nos referimos para chegar a essa conclusão".

O cronista citado nunca será um revolucionário. E apenas um oportunista que se aproveita das fraquezas morais da gente bem e vai vivendo a vidinha que pediu a qualquer santo da sua devoção. Mas as coisas vão mudar. Até lá, lutemos com energia para que a transformação se verifique o mais depressa possível. Nada de pleitos eleitorais, onde comunistas, integralistas, falangistas, peronistas e católicos sob as ordens do Vaticano, lutam encarnicadamente pela conquista do poder para continuar explorando os trabalhadores. Nenhuma colaboração com esses oportunistas que só se lembram dos trabalhadores em época de eleições.

A CRUZ

Com o queixo sobre a mão espalmada, o cotovelo apoiado na joelho, contemplava a imagem de uma cruz.

Distraidamente cerei as pálpebras e, de olhos fechados, vi desenhar-se, na retina, uma cruz em cujos braços estavam gravados, em letras de fogo, as palavras: Salva tua Alma! Abri os olhos e gritei: — Mentira!

Fitei novamente a imagem da cruz e falei com ela:

— Sabes quem es tú, cruz?

Que poderia ela responder? Nada!

Continuei:

Dizem que tua origem data dos tempos em que o império romano dominava o Velho Continente, e que foste inventada para sufocar o brado de revolta daqueles que não se conformavam com a opressão governamental.

Surgiste no tempo do escravagismo.

Pregados em teus braços, agonizaram e morreram aqueles que lutavam pelos direitos naturais, pelos direitos do povo.

Em teus braços também morreu o filho do carpinteiro de Nazaré porque não soube colocar a sua popularidade a serviço do movimento de emancipação nacional contra Roma.

Do suplicio de teus braços escapou Barrabás que também fora condenado ao mesmo martírio, porque, os judeus obtiveram perdão para ele.

E qual foi o crime de Barabás?

Sua atividade revolucionária contra o domínio de Roma!

Apesar de Jesus, o filho do carpinteiro, ter sido um revolucionário acima do seu tempo, colocou-se tão distante da civilização judaica como da romana, ficando, por isso, completamente divorciado das massas de ambos os lados.

Naquele tempo, cruz, tu representavas o símbolo da infância e da ignomínia. Com o decorrer dos tempos, tu foste valorizada porque as idéias revolucionárias de Jesus adquiriram tantos adeptos, que chegou a atemorizar o orgulhoso império romano e, por isso Constantino, ao ocupar o trono de Roma, tratou imediatamente de oficializar essas idéias que já haviam tomado caráter religioso e transformou-as em religião de estado.

Ai foste entronizada e até adorada como símbolo de redenção. Disto resultou surgirem algumas lendas, que de tão absurdas, se tornaram irrisionárias.

Dizem que foste achada no cimo do Calvário por uma tal Sta. Helena... Como pudeste tú permanecer tanto tempo enterrada sem te decompor?

Desde o 2.º quartel do século I (D.C.) até o começo do século IV (270 anos aproximadamente) não apodreceste?

Foste embalsamada?

E que me contas daquela ocasião em que apareceste no céu cercada por letras luminosas, que formavam as palavras "In hoc Signo vinces" quando Constantino marchava contra o seu competidor Maxêncio?

Como pudeste chegar àquela altura, anulaste também a lei da gravidade como fez o profeta Elias que subiu da terra ao céu com carro, cavalo, etc.? Hoje ainda, em pleno século XX, continuas a ser reverenciada e até adorada por um punhado de indivíduos que não conhecem teu passado. Simbolizavas a escravidão e a ignorância.

Quando, no ano 1.500, os portugueses aportaram a estas plagas, fincaram-te na clareira de um bosque para espantar os nossos índios. Nesta ocasião serviste de espantalho e, como em teu nome e à tua sombra procuravam implantar neste país a escravidão indígena, fizeram de ti o símbolo da fé.

Os perigosos adeptos do capenga

Inácio de Lóiola fizeram de ti um escudo para devassar os segredos mais ocultos da mente humana, através da confissão auricular e para "dirigir as consciências no caminho da fé cristã".

Também fizeram de ti bairna de punhal: andavas pendurada ao pescoço dos tonsurados que diziam usar-te como emblema de resignação; mas, dentro de ti se ocultava uma arma traçoira.

Também foi sob tua portação que a deshonra invadiu muitos lares e os alcouces se encheram de prostitutas. De então para cá passaste à história, a verdadeira história, não a história oficial, como símbolo de atraso, de retrogradação e de analfabetismo de ignorância e de miséria. Quando a luz da verdade e da ciência, filhas da heresia, se lança sobre as trevas da ignorância, procurando esclarecer as mentes obscuras, tu te apresentas sempre na frente, como hedionda mortalha e, na sombra por ti projetada, ocultas a espada de lei, em confusão com a batinha sórdida e nauseabunda.

Apaguem-se do mundo os teus vestígios, substitua-se o templo pela escola, a fé pela razão, o dogma pela análise, a religião pela ciência, e não haverá mais guerras, nem fome, nem miséria... e os povos se entenderão e se solidarizarão em vez de matarem-se em nome da fé e destruírem-se em nome de deus.

Antonio F. Gonçalves

Serviços Municipalizados

(Conclusão)

no espírito centralizador da burocracia e nos mesmos interesses privados os dois maiores obstáculos.

Parece-me contudo que o inconveniente não se removerá com facilidade, pois a municipalização está presa visceralmente ao Estado. Cabe aqui distinguir municipalismo de municipalização. O primeiro pode constituir movimento de baixo para cima, liberdade do indivíduo para organizar a sua comuna e desta para gerir os interesses do indivíduo, ligação direta do indivíduo apenas com o município; a municipalização já é empresa, tem vínculo com o município na qualidade de agente do Estado, tem subordinação às leis e depende de capital, tanto faz que este seja privado ou venha da fiança governamental.

De resto, creio que os serviços municipalizados pouco podem melhorar o custo das utilidades. A razão é simples. Sempre que o Estado toma o lugar da empresa privada, na distribuição ou na produção, mata a fonte ou o alimento de sua própria vida, aquela de onde vêm os impostos. E para suprir a falta dos impostos que, negociando, o Estado não vai pagar a si mesmo, inevitável se torna o aumento de preços que lhe dá lucro capaz de manter a máquina burocrática. Sobre tudo, capaz de sustentar as forças armadas, o militarismo que é a segurança do Estado.

A própria socialização generalizada, num "Estado socialista", não eliminaria esse aspecto contrário ao bem comum que só o anarquismo pode assegurar. Mas a municipalização atende de certo modo ao interesse coletivo, como o municipalismo aponta possibilidades de descentralização e autonomia dos núcleos humanos.

São dois fenômenos denunciadores da evolução constante, cada vez mais acentuada, para um sistema social em que ao mesmo tempo se preserve a liberdade do indivíduo e o interesse da coletividade.

REALIDADES

Natural admiração nos inclina e prende à vida de nossos grandes pensadores, que consagram sua existência, energias e talento em dilatar e propagar seus princípios idealistas.

Seus atos e obras conservam essa exemplaridade de que necessitam povos e homens. A Igreja e os teólogos os pintam como hereses e loucos. A burguesia e o capital no-los apresentam como terroristas, sanguinários e utopistas.

Agora perguntamos: "Será que esses grandes homens, por amantes do ideal, não são seres humanos como os demais? Como é possível que conservem a pureza em seus sentimentos ante as perniciosas realidades na vida da presente sociedade?"

Sim! Esses altruístas idealistas, que abrem e continuam traçando o caminho de um futuro libertário, são humanos como os demais. Também respiram e sofrem as consequências das debilidades do meio circundante; mas, impõem com firmeza, uma regra a seus atos. Sentem um ideal; logo, assumiram uma dívida que lhes incute o dever de palmilhar, moral e materialmente, as veredas da razão.

Estudam e analisam os sentimentos dos seres humanos, as causas, os fatos que os provocam e são suas conclusões que lhes servem de guia na ação. Pautam seus dizeres de acordo com seus atos. Em duas palavras: dão ao seu procedimento a majestade que inspira, propaga e fecunda sob o impulso do exemplo.

Porém, digamo-lo com mágoa, ao lado deles, nesta sociedade, existe igualmente uma parte enganada e má. Corroída pela influência de ambientes baixos e perversos, busca a ambição de falsas honras. Estende e pretende interesses egoístas. Com palavras fáceis de estereis sentimentos, combateu, em todos os séculos, e prossegue no combate a toda evolução de emancipação social. Representa-o o Estado com seus esbirros; o Vaticano com suas igrejas; os imperialismos com sua exploração e o capital com suas orgias.

São os que roubam o suor, a produção e as riquezas do trabalhador, os que assassina nos campos de batalha por capricho dos seus interesses e os que o reduzem a viver em choças entre misérrimas e sujeiras. São os que cinicamente negam que se possa fixar a igualdade e estender-se de modo harmonioso entre os povos. São os que dizem considerar essas lutas fratricidas da era presente como necessárias estabelecidas na rota da existência. E são, finalmente, os que querem encerrar, no círculo horrível desta sociedade, todos os seus vícios, todos os seus defeitos e todas as suas balbezias que freiam a evolução normal da fraternidade.

Nos trâmites da luta pela conquista de um ideal, encontram-se altos e baixos. Esses altos ficam de herança a nossos substitutos com a segurança de que seus descendentes estão chamados a ultrapassá-los.

Dir-se-á que todo ideal é uma utopia! O ideal anarquista o desmente. De fato, o ser humano o encarna em seu ser e duvidamos de que os de sã razão e sentimento não sintam palpitar em seus corações.

É certo que em sua marcha, a luta social depara numerosas curvas; que essas curvas oferecem, por vezes, difíceis e violentas alternativas que devem arrostar-se, depois de um estudo objetivo, com distintas estruturas e distintas formas; mas, por isso negar a concepção mais bela, jamais. Pode haver obstáculos, podem surgir rodeios, a Anarquia terá seu dia de encontrar sua ardente realidade nos mais belos instintos dos corações humanos. Todos os fatos a confirmam, todas as suas consciências a aprovam, toda a evolução social a proclama, todos os justos a sentem, todos os pensadores a veem e todas as belas almas a vivem. E, edificando seu pedestal em bases firmes, representa o futuro da sociedade.

Nestes últimos anos, suas forças, deslocadas por quebrados roteiros, eclipsaram-se um pouco. Nós sempre vislumbramos nela uma certeza. O capitalismo, ao contrário, flutua, viu e tem predito constantemente sua agonia. Nossa certeza está na confiança no constante movimento cuja base é a evolução até o porvir. Certeza e movimento que tendem para a Revolução Social.

A Revolução Social não é o movimento guerreiro, bélico, capitalista, o qual, escondendo seu crime na capa do poder, esquartela, assassina, pulveriza povos, desfaz lares, rouba energias, derrama sangue e situa os homens na senda odiosa da confusão e trevas.

A Revolução Social é um movimento de luz e harmonia. Não o representam bombas nem armas, senão transformações de mais valor humano. Seus símbolos chamam-se Giordano Bruno, Miguel Servet, Marat, Diderot, Bakúin, etc., etc.

A Revolução Social e os sacrifícios por ela, embora a reação os manche de sangue, nada comum têm com as guerras dos Estados. E, se nossos sentimentos, por justiça lógica e normal, aceitam a primeira, repudiam e combatem, por sensata humanidade, esse militarismo vandálico escravizador e devorador da produção dos que produzem.

Os povos do século XX gemem airdos, freados diante de todo esse aparato militar, que sustentado com falsos argumentos de cristianismo, comunismo e fascismo é o reduto do capital em suas macabras façanhas, negras e agonizantes façanhas.

Essa revolução harmoniosa, chamada Progresso, varrerá tudo isso. A hora soará em que a espada não conseguirá submeter a idéia, nem que os monstruosos canibais dominem as estradas da razão.

NEMO